

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM ROGÉRIO SAMORA
12 de Fevereiro de 2022

LAVADO EM LÁGRIMAS / 2006

Um filme de Rosa Coutinho Cabral

Realização: Rosa Coutinho Cabral / Argumento: Rosa Coutinho Cabral, Simão dos Reis e Kurt Oberg / Direcção de Fotografia: Acácio de Almeida / Direcção Artística: Rui Alves / Guarda-Roupa: Rosa Almeida Lima / Música: José Pontes e José Carlos Pontes / Som: Pedro Melo / Montagem: Andreia Bertini e João Braz / Interpretação: Rita Martins (Ana), João Cabral (João), Rafael d'Almeida (Pedro), José Eduardo (Projeccionista), Canto e Castro (avô), Rogério Samora (comprador de pombas), Patrícia Bull (Clara), Helena Laureano (Luísa), Paulo Pinto (Miguel), Sofia Leite (mãe de Ana), Maria Carré (mulher a dias), Hugo Amaro (homem jovem), etc.

Produção: Clap Filmes / Produtor: Paulo Branco / Cópia: 35mm, colorida, falada em português / Duração: 111 minutos / Estreia em Portugal: 26 de Janeiro de 2006

Com a presença de Rosa Coutinho Cabral.

No filme precedente de Rosa Coutinho Cabral, **Cães sem Coleira** (1999), vários projeccionistas de cinema, itinerantes e da velha escola, tinham lugar de destaque (e é de resto é um belo filme, certamente entre o melhor da realizadora, e uma das poucas investigações, na cinematografia portuguesa, da importância popular que o cinema teve, noutras décadas). Em **Lavado em Lágrimas**, que tem a face da ficção mais virada para cima mas não oblitera, pelo contrário, a vontade de conservar um testemunho de tipo documental, os momentos mais surpreendentes integram também a projecção de cinema. São as cenas em que José Eduardo (cuja função narrativa não se resume a essa) projecta, e comenta, o **Korkarlen** de Victor Sjöstrom, história de destinos amaldiçoados, filme cujas imagens são, em diversos momentos, incluídas na montagem de **Lavado em Lágrimas**, ficando a pairar sobre o (ou dentro do) filme de Rosa Coutinho Cabral como uma espécie de “fundo”, mitológico, dramático, a “cortina” perante a qual se joga a sua ficção e que lhe sublinha o carácter e a vontade de ser um lamento antropológico, um olhar triste sobre a tristeza da humanidade – aliás, anunciado no título, encontrado numa frase de Nietzsche, “*sigo-te, destino, e ainda que não o quisesse teria de me submeter, lavado em lágrimas*”.

Evidentemente, por mais que seja a “condição humana” aquilo que o filme pretende tocar, nada se passa em pura abstracção. Quase vinte anos depois da sua estreia, é com alguma clareza que se entende que um elemento fundamental na estrutura do filme seja um programa de televisão, a espécie de “reality tv” dirigida pelas personagens de João Cabral e Helena Laureano, com o vampirismo – apesar de tudo, nunca caricaturado, apenas “inerente” - que marca a relação da tv com a realidade e, nomeadamente, com a marginalidade (seja ela de que tipo for), e com as vidas que transforma em espectáculo. Não seria muito incorrecto resumir **Lavado em Lágrimas** como a história do encontro entre o jornalista de João Cabral e uma vida que se recusa, até violentamente, a ser transformada em espectáculo para consumo sensacionalista – a vida da personagem de Rita Martins, actriz que o filme praticamente descobriu e que depois (“depois”, mas começando logo

aqui) se tornou uma das presenças mais intrigantemente discretas, ou discretamente intrigantes, do cinema português.

História de orfandade e solidão - o filme começa praticamente pelas imagens da miúda deitada numa lápide em diálogo com a mãe morta, e por uma cena, visualmente quase romântica, de um funeral – **Lavado em Lágrimas** funciona muito mais como uma longa perseguição a essa personagem de Rita Martins, Ana. E não é só a personagem de Cabral, ou, por exemplo, já que ele também é decisivo no filme embora seja sobretudo um vulto, a de Rogério Samora (e a propósito de Samora, Coutinho Cabral estará certamente entre as realizadoras que mais puxaram pela dimensão ameaçadora, intrinsecamente violenta, que havia na “persona” cinematográfica dele), é a própria perseguição que a própria câmara move à rapariga, e o registo do bailado felino com que ela se furta a ser capturada por todos (as personagens e a câmara). É também isto, o filme, e provavelmente aquilo que mais se retém dele: o constante desafio, olhares e contra-olhares, pequenas entregas e grandes fugas (a ponto de nalgumas cenas isso, quer os olhares quer os movimentos, se tornar na única narrativa), entre a câmara e a sua protagonista, em rima, também, para todos os segredos que, na sua mudez voluntária, se recusa a partilhar. Este aspecto torna-se um centro do filme, o eixo que unifica a sua diversidade, ou por outra, que não a deixa reduzir-se a um olhar televisivamente tipificado (como acontece nas cenas de “televisão no filme”), e justifica que ele funcione, de certo modo como um filme-inquérito, a personagem do jornalista a ir compondo as peças do puzzle que permitem, ou permitiriam, uma cabal identificação da “cidadã Ana”.

Uma última menção ao elenco, já que falámos tanto de Rita Martins (a protagonista) e um pouco de Rogério Samora (in memoriam de quem esta sessão se faz), para dizer também que **Lavado em Lágrimas** foi a despedida de um dos grandes actores do cinema português, Canto e Castro, que morreu ainda antes da estreia do filme de Rosa Coutinho Cabral. A sua personagem, o avô de Ana, o velhote que cria pombos, tem sempre aquela dignidade pungente, cheia de gravidade (no sentido “newtoniano” do termo) mas nenhum espectáculo, que foi característica sua.

Luís Miguel Oliveira